



O CONTEXTO DO FILME RIO E A DESCONTEXTUALIZAÇÃO DA ARARINHA AZUL

Andreia Quinto dos Santos¹
Guadalupe Edilma Licona de Macedo²

RESUMO

Esta pesquisa se propõe discutir a importância de filme como ferramenta pedagógica na Escola, elencou-se o filme Rio para a análise. Nesta pesquisa evidenciou-se lacunas deixadas pelo produtor, quando apresenta a ararinha na Mata Atlântica, porém o habitat natural dessa ave é a Caatinga. Desenvolveu-se esta pesquisa com professores de Ciências do Ensino Fundamental, séries finais, na da Rede Pública de Ensino. A base teórica está firmada em Cunha e Giordan (2008), os quais apresentam o cinema como parceiro do ambiente escolar, com possibilidade para o desenvolvimento de uma visão histórica e cultural dos fatos abordados; Silva e Davi (2008) trazem o professor para a cena como mediador para instigar a visão crítica do aluno; Carvalho (2017) discute o uso de filmes como estratégia para estimular a aprendizagem. A pesquisa é qualitativa e de caráter interventivo de aplicação, em que haverá planejamento aplicação e análise dos dados, com objetivo de transformação da realidade. Os resultados indicam que o cinema quando utilizado de forma consciente e reflexiva, contribui com o processo ensino-aprendizagem e contribui com a construção do senso crítico do estudante.

Palavras-chave: Filme, Ensino-aprendizagem, Visão crítica, professor, Aluno.

INTRODUÇÃO

De acordo com Cunha e Giordan (2008), o cinema revolucionou a humanidade e promoveu interações entre os sujeitos e as linguagens que permeiam as visões de mundo. Desta forma, possibilitou a popularização das diversas culturas e problemas que as permeia, através da arte cinematográfica. Portanto, o uso do cinema como mídia educativa põe em visibilidade aspectos culturais, históricos e políticos, trazendo para o estudante maior possibilidade de formação integral.

Silva e Davi (2008) propõem que o professor necessita estudar o tema do filme e adequá-lo ao eixo a ser trabalhado, diferenciar o que é relevante do que é apenas

¹ Mestra em Ciências e Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Jequié-Bahia; andreia.quinto@hotmail.com

² Professora e Doutora pela Universidade estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Jequié-Ba



cômodo para os alunos e para si mesmo, na perspectiva de ampliar os próprios conhecimentos e dos seus alunos, “visto que os filmes oportunizam trabalhar diversos conteúdos, estimular as discussões e auxiliar na percepção dos alunos sobre os temas apresentados. Desta forma, podem ampliar os saberes, os quais devem estar associados a mediação, ao compromisso e na perspectiva de promover discussões acerca do enredo e das possibilidades de transcender a realidade, embasado por uma intencionalidade e por conhecimentos prévios (FERNANDES, 2007).

A pesquisa ocorreu durante encontros realizados com professores de Ciências do Ensino Fundamental, com discussões sobre o uso de filmes nas aulas. Escolheu-se o filme Rio, dirigido por Carlos Saldanha, para ser analisado.

O filme Rio e a história da ararinha azul

Rio é um filme de animação, dirigido por Carlos Saldanha (2011) que aborda de forma divertida, a trajetória de uma ararinha azul (Blu), que foi contrabandeada do Brasil para os EUA ainda jovem, sendo encontrada e adotada em Minnessota – EUA, por uma jovem que a doméstica, tratando-a como humano, a ave sequer aprende a voar. Após 15 anos, perpassando por diversas situações, a ave retorna ao Brasil para acasalar com uma fêmea da sua espécie (Jade). A história acontece no Rio de Janeiro em 2011, no período do carnaval, perpassando pelos pontos turísticos, Cristo Redentor, Copacabana, Floresta da Tijuca, inseridos no bioma Mata Atlântica.

O filme é divertido, o enredo dinâmico, as cores são fascinantes e tudo acaba bem, pois ao final as araras azuis acasalam e ficam juntas com seus filhotes no contexto da Mata Atlântica. Os responsáveis pelas aves também ficam juntos e felizes.

Mas, a ararinha azul, ave homenageada neste contexto *Cyanopsitta spixii*, aparece descontextualizada do seu habitat e apresenta características distintas das apresentadas pela espécie. Pois esta é uma ave oriunda do bioma Caatinga, a qual foi extinta na natureza, possuindo alguns exemplares, distribuídos pelo mundo, mas vivendo em cativeiro. Ana Carolina Carvalho (2017) discute a importância da utilização de filmes para o fortalecimento das aprendizagens, visto que promovem a socialização e diversas outras habilidades, mas necessita de análise, reflexão e conhecimentos ao ser trabalhados.



A análise do filme se deu, por conta de discussões entre os professores da educação básica que participaram da pesquisa, os quais se debruçaram em fontes (artigos, livros, sites, vídeos), nessa perspectiva foi possível analisar o contexto do filme, como pode ser utilizado em diversas fases da vida escolar e trabalhar o descontexto em que está inserida a ararinha azul e outras aves que fazem parte do filme e como pode ser utilizado nas diversas fases da escolar.

O contexto descontextualizado das Ararinhas Azuis

O diretor Carlos Saldanha homenageia a ararinha azul (*Cyanopsitta Spixii*), mas transpõe a ave para o bioma Mata Atlântica, na Floresta da Tijuca. Mesmo sendo essa ave endêmica da Caatinga, com habitat limitado as florestas de galeria, em momento algum aparece citação do habitat da ave no filme, ou ate mesmo sua origem geográfica.

Essa é a história de um filme contextualizado no Rio de Janeiro e de uma ararinha azul, descontextualizada do seu habitat. Com uma diversidade de cores e imagens associado a um enredo hilariante, durante o carnaval do Rio de Janeiro, o filme apresenta a cidade maravilhosa, como palco para desenvolvimento do enredo.

O colorido das aves que aparecem na floresta é lindo! São diversas aves, entre elas papagaios e araras. Mas, grande parte das que aparecem no filme encontram-se geograficamente distribuídas nas diversas regiões do Brasil e da América do Sul e não na Floresta da Tijuca como apresentado na animação. As informações sobre aves foram coletadas no acervo da ICMBio, 2012.

As ararinhas, araras azuis periquitos e papagaios - diferenças e similaridades

De acordo com o livro do “PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA ARARINHA-AZUL”, do instituto Chico Mendes (ICMBio), papagaios e araras pertencem à mesma família-Psittacidae, no entanto, apresentam características que as distinguem umas das outras. Araras são maiores, mais coloridas e tem cauda longa e fina. Enquanto os papagaios são de porte menor e tem caudas mais curtas e retas. Na história real das ararinhas azuis, houve uma tentativa de acasalar o macho - último da espécie vivendo em liberdade - com uma fêmea em cativeiro, mas essa tentativa não logrou êxito e o macho foi visto em seu habitat até 2000. Não se sabe



se foi capturado ou morreu. Durante o último ano de aparição da ave formou um par heteroespecífico com uma fêmea da espécie maracanã (*Primolius maracanã*), Ararinhas azuis não apresentam dimorfismo sexual. (BARROS, 2012).

No filme, elas são diferentes, enquanto na natureza é necessário conhecer as características específicas para distinguir machos e fêmeas. Elas forrageiam principalmente frutos de pinhão, favela, baraúna e caraibeira, plantas que foram substituídas por pastos, agricultura, moradias, e desta forma contribuíram com a extinção da ararinha azul. O fato de serem plantas endêmicas da caatinga, provavelmente não são encontradas na Mata Atlântica, visto que o forrageio é um dos fatores que contribuem para o endemismo dessas aves. Como dormitório, o macho selvagem utiliza o cacto facheiro, para descansar junto a sua maracanã (CLEMENTS, 2005). Existem diversas possibilidades para utilização do filme, mas necessita ser usado em uma perspectiva analítica, que possibilite aos professores e alunos questionar as divergências entre as situações apresentadas no filme e a realidade. Deve ser usado por todas as faixas etárias, mas sempre em uma perspectiva investigativa, visto que o mesmo não apresenta um comprometimento com a verdadeira história da ararinha azul. Pois, essa ave é endêmica da Caatinga, nos municípios de Curacá e provavelmente Abaré, no estado da Bahia (CARVALHO, 2017).

A Caatinga sequer é citada no filme e a ararinha azul é considerada extinta da natureza, desde o ano 2000. A extinção se deu por conta de fatores, tais como: da intensa captura por traficantes desde o início do século XX, por causa da destruição da sua área de ocorrência; da colonização e exploração da região ao longo do Rio São Francisco e da construção da barragem de Sobradinho, que pode ter alagado espaços ocupados pela ararinha azul (BARROS, 2012).

Em 2016 restavam apenas 79 aves dessa espécie vivendo em cativeiro. Apenas cinco no Brasil, quatro aves (dois machos e duas fêmeas) que estavam no Zoológico de São Paulo, foram transferidas para o criadouro NEST em Avaré/SP. As aves estão alojadas em local isolado, e mais um macho mantido em recinto suspenso, na Fundação Lymington em São Paulo). As outras ararinhas azuis estão assim distribuídas: sessenta ararinhas (24 machos, 36 fêmeas) mantidas em um centro de reprodução exclusivo para a espécie, na fundação D. Al Wabra Wildlife Preservation em Doha no Qatar. Elas não pertencem ao governo brasileiro, mas estão incluídas no *Studbook* da espécie. Outras sete estão na Association for the Conservation of Threat ened Parrots (ACTP) localizada



na cidade Schöneiche na Alemanha, são (quatro machos, três fêmeas). Outro espaço que abriga o viveiro das ararinhas azuis é a Fundação Loro Parque, na cidade de Tenerife-Espanha, que possui 7 aves (dois machos, cinco fêmeas). O Instituto Chico Mendes (ICMBio), junto a outras ONGs, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a sociedade Civil estão desenvolvendo estratégias para recuperar o habitat e reintroduzir ararinhas azuis ao local de ocorrência. Este animal depende de uma grande ambientação para sobreviver, por isso é importante que esforços sejam unidos para que se traga de volta essa espécie desaparecida há quase vinte anos. A relação de distribuição das espécies na floresta é muito harmônica no filme, e as aves ocupam a mesma localização geográfica, sem haver atrito nem competição, o que diverge da dinâmica em um bioma. Em que algumas espécies vivem em grupos, mas dentro da mesma população, outras ocorrem em grupos de 2 ou 3, e há outras que vivem isoladas. Cada espécie ocupa seu nicho ecológico, em um habitat com área geográfica delimitada, de acordo com seus hábitos, que pode ser endêmica ou generalista.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa é de caráter qualitativo e interventivo, pois se propõe a, “[...]desvelar o conjunto de interações que compõe a experiência cotidiana e mostrar como se estrutura a produção do conhecimento na escola e a inter-relação entre a cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica “(André, 2001). É interventiva de aplicação ao intervir na realidade da sala de aula, utilizando um campo de estudo, em consonância com Teixeira e Megid-Neto (2017).

A pesquisa foi realizada com professores da Rede Pública de Ensino, no Ensino Fundamental, com reuniões realizadas a cada 2 semanas, por 3 meses, utilizou-se para a coleta de dados, entrevista semiestruturada, áudio e discussões sobre o assunto

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante os encontros, foram propostas atividades desenvolvidas pelos professores em grupo, e então classificou-se os grupos em G1, G2, G3, G4. Nesta atividade foi proposto que cada grupo destacasse uma cena relevante do filme.



G1: Destacou a cena em que uma aranha salta sobre o dorso de Blu e ele treme silenciosamente, enquanto Jade o livra desse aracnídeo. Após essa cena, ocorre uma cadeia alimentar (vaga-lume – perereca verde – jararaca verde). Esse momento, possibilita trabalhar as interações e apresenta a visão de Blu, quando alega conhecer uma floresta, pois assiste ao programa Animal Planet.

Assistir ao Animal Planet é um comportamento antropocêntrico, meramente humano, tais como as crises de consciência vivenciadas pelo protagonista Blu e o dilema entre ser uma ave doméstica ou uma ave silvestre. Blu argumenta durante o filme o quanto é confortável e cômodo ser uma ave doméstica- essas cenas reforçam a vantagem do cativo e da domesticação para os animais, tanto para os animais que convivem diretamente com o homem, quanto para os silvestres. Na animação, ele torna-se um herói e até aprende a voar. Mas, em um contexto real ele seria apenas uma ave domesticada, sem perspectivas de sobrevivência em um bioma.

G2; Nigel, uma cracatua (*Cacatua sulphurea*) ave exótica, endêmica das regiões da Nova Guiné e no Norte, no Leste e no Sudeste da Austrália, tem o forrageio baseado em sementes, frutos e pequenas porções de uma grande variedade de vegetais, inclusive plantas de jardim (CLEMENTS,2005). Animal belíssimo, mas que também incorpora comportamentos antropocêntricos no filme, tais como rancor, ódio, maldade. Assim, como acontece no filme, com um bando de Saguis-de-tufo-branco (*Callithrix* (*Callithrix*) *jacchus*), roubando turistas que se divertem ao som do carnaval.

Destacou o comércio de aves exóticas e biopirataria, de acordo com esse grupo, estudar os seres vivos exóticos é relevante, pois amplia as possibilidades de reflexão sobre problemas como comércio de aves exóticas e biopirataria; a introdução e as relações estabelecidas entre espécies exóticas e espécies endêmicas, o quanto essas relações podem ser desfavoráveis as espécies endêmicas, principalmente aquelas com hábitos especialistas; visto que as espécies exóticas não apresentam predadores naturais para promover o controle populacional desses, em um novo ambiente, também a possibilidade de transportar fungos, bactérias, vírus e até mesmo protozoários, pois, muitas espécies são hospedeiras intermediárias. Assim como a formação de híbridos, reduzindo ou até mesmo extinguindo a existência de determinadas espécies, levando-se em conta a dinamicidade dos biomas existentes nas regiões tropicais (CLEMENTS, 2005).



G3: Discutiui a questão da biopirataria, em que as transferências de espécies a outras áreas geográficas do planeta, aliada a facilidade com que os contrabandistas, aliciam menores a tomar parte de ações ilícitas e se apoderam do patrimônio da humanidade de maneira escusa e fácil. Foi possível destacar a extração de recursos naturais, realizada por humanos, aliado ao descompromisso com a vida, ao transportarem, aleatoriamente, plantas e animais, a biopirataria é uma atividade ilícita, das mais rentáveis do planeta. Das espécies animais, que são capturadas, só cerca de 10% chegam vivas aos seus destinos e a biopirataria é uma das atividades antrópicas que contribui para a extinção de espécies, principalmente de invertebrados (Barros, 2012).

G4: Estabeleceu a distinção entre as quatro espécies de ararinhas azuis; duas já extintas na natureza e duas que lutam pela sobrevivência. O filme nos remete a confusão que se instala, quando a discussão é sobre a ararinha azul. Blu e Jade parecem fazer parte de espécies distintas. Das quatro espécies de ocorrência no Brasil, duas já estão extintas da natureza e as outras duas fazem parte da lista de animais ameaçados de extinção. Essas aves, apesar de serem azuis, se diferenciam pela coloração, tamanho, habitat e espaço geográfico. São elas: A arara-azul-pequena (*Anodorhynchus glaucus*) é uma espécie da família Psittacidae. Era encontrada nas bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, no noroeste da Argentina, sul do Paraguai, leste da Bolívia, nordeste do Uruguai e sul do Brasil. Também é conhecida pelos nomes vernáculos de arara-azul-claro, arara-celeste, arara-preta, araraúna e arauúna. É considerada extinta por muitos pesquisadores por não ser avistada na natureza há mais de 80 anos, sendo que não existem exemplares em cativeiro. A ararinha azul (*Cyanopsitta spixii*), homenageada no filme, mede cerca de 57 centímetros de comprimento, o forrageio é baseado em frutos de pinhão, favela, baraúna e caraíbeira, e foi extinta na natureza no ano 2000. É endêmica do bioma caatinga, na Bahia. Ararinha azul de Lear (*Anodorhynchus leari*), mede cerca de 75 cm de comprimento, seu forrageio baseia-se em coquinhos da palmeira, Licuri (*Syagrus coronata*) e dos frutos da Braúna (*Melanoxylon braúna*). Ultimamente, elas têm se acostumado a comer milho verde. Vivem numa região extremamente restrita do sertão baiano, nos desfiladeiros da Reserva Ecológica Raso da Catarina, próximo a cidade de Paulo Afonso, no norte do sertão baiano. E também na Reserva Biológica de Canudos, na Bahia. A arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) vive nos biomas da Floresta Amazônica, e



principalmente no Cerrado e Pantanal; o forrageio é baseado em castanhas retiradas de cocos de duas espécies de palmeira: acuri e bocaiuva. No acuri, as aves aproveitam aqueles caídos no chão, ruminados pelo gado ou por animais silvestres. Já o coco da bocaiuva é colhido e comido diretamente no cacho. Essas aves podem crescer até 100 centímetros de comprimento com uma envergadura de quase 120 centímetros (Barros, 2012).

A sensibilidade associada aos conhecimentos prévios, auxiliam na percepção, de que as interações entre os seres-vivos estão diretamente ligadas à manutenção dos ecossistemas, interações e padrões dos ecossistemas que mantêm o equilíbrio nesses ambientes. Extinções sempre estiveram presentes nas eras de glaciação do planeta, mas nunca a uma velocidade em que ocorrem atualmente. Isso acontece principalmente por ação antrópica (CLEMENTS, 2005)

Portanto, cabe ao professor, mediar ações voltadas para a observação, discussão das incoerências, investigação de situações apresentadas nos filmes (FERNANDES, 2007). A Escola deve promover junto a com os segmentos ampliação do debate junto a sociedade civil sobre temas e expressões simbólicas que se dão na relação homem e natureza, na perspectiva de desenvolver uma visão mais ampla e aprofundada sobre diversos temas de forma a contribuir para uma visão preservacionista (CARVALHO, 2017).

Tanto os discursos que justificam a exploração, quanto a exposição sobre os limites da natureza se intensificam num contexto em que a sociedade civil necessita fazer-se presente e participar de forma ativa. Mas, para que isso ocorra é preciso ter conhecimentos básicos sobre os temas e assim poder opinar com propriedade (NAPOLITANO, 2015).

Assim, a escola deve fazer-se presente para contribuir com esclarecimentos, trocas e diálogos com a sociedade civil. Para que esta possa se posicionar na tomada de decisões e não apenas aceitar as coisas como são postas. Toda essa mudança de paradigmas necessita passar por uma visão crítica, voltada para os valores, mudanças e costumes abordados (SILVA E DAVI, 2008). Ao final da pesquisa, os participantes desenvolveram um cronograma de temas que podem ser ensinados, utilizando o filme Rio, dirigido por Carlos Saldanha em 2011.

Utilização do filme Rio nas fases escolares



Esse filme de animação Rio, retrata a trajetória da vida de uma ararinha azul (Blu). Ele e os amigos passam por diversas situações, algumas perigosas e outras hilariantes, em meio a um cenário de muita cor, musicais e festa de carnaval podem ser utilizados na escola. As propostas pelos professores pesquisados, sugerem temas para trabalhar o filme abordado. esse subtópico foi organizado de acordo com a similaridade e convergência entre as ideias apresentadas pelo grupo.

Os conteúdos foram classificados de acordo com o nível de escolaridade dos alunos. Pois, considerar as informações trazidas pelos professores sobre os filmes à escola é relevante, pois os filmes associados a conhecimentos teóricos e o cotidiano escolar, ampliam os saberes, ressignificam os conhecimentos e a aprendizagem se efetiva, através das interações, através da mediação realizada pelo professor (CARVALHO, 2017).

Na creche, a interação com adultos, amplia o vocabulário das crianças e os pequenos aprendem de forma lúdica, utilizando-se de comportamentos visualizados nos adultos. O filme Rio apresenta cores vivas, animais falantes e músicas que o torna interessante para essa fase. Com essa ferramenta pedagógica podem ser desenvolvidas atividades concretas, tais como colagens, pinturas, construções de painéis, associadas a participação oral das crianças, com brincadeiras, até mesmo com encenações.

Na pré-escola, as crianças estabelecem brincadeiras e diálogos mais elaborados com as outras. O filme Rio, possibilita a construção de ideias, bonecos e bichinhos, promovendo, nessa fase, atividades acerca de seres vivos e não vivos, mostrando as interações entre esses seres; criando discussão sobre as aves e as características; localizando cada ser no próprio o ambiente geográfico e a importância de preservá-los.

Mas, é necessário enfatizar durante as atividades que os comportamentos assumidos pelas aves e mamíferos no filme são antropocêntricos. Importante enfatizar, que os animais possuem comportamentos próprios a cada espécie e ao local onde vivem. E que esses comportamentos humanizados, presentes nos filmes, geralmente não correspondem a forma como se comportam na natureza (NAPOLITANO, 2015).

Oportuno mostrar que esses animais ocupam geograficamente ambientes e vegetações diferentes e que devem ter seus próprios nichos e habitats. Eles não viverem engaiolados ou em companhia direta com os humanos, afinal não são domésticos, portanto, devem ser criados livremente. Por apresentarem especificidades no habitat,



funções que desempenham na natureza, que são próprias de cada espécie, assim como todos os seres vivos no planeta (CLEMENTS, 2005).

Para as crianças do Ensino Fundamental I, o nível de abstração e conceitualização dos alunos apresenta-se mais elaborado. Desta forma, possibilita discutir problemas sociais associados a problemas ambientais, como os que aparecem no filme Rio, com o garoto Fernando. Ele é uma criança que é aliciada por contrabandistas de aves, que as rouba. Outro ponto que poderá ser discutido com esses alunos é a localização geográfica: a favela, a qual aparece associada a grande paixão nacional, o futebol. As questões sociais, podem ser discutidas, assim como também, o sinurbanismo, o contrabando, a biopirataria, as desigualdades sociais, discutir quais comportamentos são adequados ou não a vida em sociedade.

É possível estudar os reinos da natureza com suas características e localização geográfica, interações e comportamentos, pois as espécies de aves que são vistas no filme, encontram-se distribuídas por diversas regiões e biomas pelo Brasil e América do Sul. O professor poderá ainda culminar as atividades desenvolvidas, com a construção de painéis, exposições e um jornal, pois auxiliam na construção de um aprendizado duradouro (CARVALHO, 2017).

No Ensino Fundamental II é possível trabalhar uma sequência didática com leitura, interpretação e escrita mais avançado que nas fases anteriores. Esse procedimento pode contar com pesquisas em artigos, leituras de imagens mais complexas, com textos que envolvam problemas sociais, políticos e preservação ambiental. Nessa fase, será possível envolver os alunos em discussões, promover feiras e seminários, usando as situações de biopirataria, exploração infantil; animais exóticos e endêmicos, o dimorfismo, a reprodução e a evolução das espécies, a domesticação de animais silvestres, os biomas; a paisagem da periferia x cidade, órgãos preservacionistas e outros de acordo com os objetivos dos professores (NAPOLITANO, 2015).

No Ensino Médio, envolver os alunos em discussões de artigos e temas apresentados no filme, desenvolver críticas baseadas em artigos estudados e escrever os próprios artigos de opinião. Também trabalhar os Reinos e as características das espécies que aparecem no filme e comparar as informações. Discutir as interações entre homem, comunidades e meio ambiente, padrões e comportamentos associados a questões evolutivas; desenvolver pesquisas sobre as viagens de Darwin; mediar ações



voltadas a construção de seminários, jornais, textos, artigos e elencar conteúdo para a realização de um júri popular entre os alunos.

Para os alunos da educação Básica o professor deve apresentar elementos sobre o filme, o diretor, personagens, mostre capa e contracapa, fale sobre o contexto e a época em que foi produzido com objetivos definidos e possibilidades de pesquisa, debate e análise do filme. Além desses dados, outra etapa desse trabalho é específica, a estrutura da narrativa: o tempo, o espaço, o fato, antagonismo, protagonismo, narrador e enredo (SILVA e DAVI, 2008).

Em todas as fases há possibilidades de análise do filme, que deve estar associado ao compromisso daquele que o utiliza Carvalho (2017). Um dos fatores limitantes do filme Rio são as incoerências apresentadas, visto que podem influenciar na produção de conhecimentos equivocados, como por exemplo confundir a Ararinha azul (*Cyanopsitta spixii*) que não possui nenhum exemplar vivendo na natureza com a Ararinha azul de Lear (*Anodorhynchus leari*) que apresenta atualmente cerca de 1500 exemplares vivendo na natureza. O uso dos filmes é relevante, os enredos deles fazem parte do cotidiano, associando fantasia e realidade, associados a conhecimentos, estudos e com intencionalidade (CARVALHO, 2017). Desta forma, podem auxiliar na aprendizagem de conteúdo, desenvolver o senso crítico do aluno. Possibilitando a aprendizagem nas mais diversas áreas do conhecimento, a partir de objetivos, projetos e sequências didáticas, permeados por conhecimentos prévios (CUNHA E GIORDAN, 2008).

Diante desses argumentos, os filmes e documentários merecem um espaço nas unidades escolares. De acordo como os professores pesquisados, um dos fatores que dificulta o uso dessa ferramenta como recurso didático é o percurso trilhado pelo professor, em algumas escolas, ao solicitar a disponibilidade dos recursos tecnológicos: precisa aguardar uma agenda, por que são muitas classes para apenas uma sala de recursos tecnológicos; outras vezes, as escolas não dispõem de aparelhos que possam ser utilizados (SILVA e DAVI, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas vivenciadas nas unidades escolares são de grande complexidade: algumas possuem abundância de verbas, enquanto outras vivem a escassez de insumos, os quais são essenciais para o seu funcionamento e dessa forma refletem no pedagógico



das escolas. Mas é preciso buscar meios e possibilidades para contribuir com o processo ensino-aprendizagem, agregando o uso dos filmes as aulas, sempre que possível.

Ao final da pesquisa surgiu uma questão que inquietou os participantes e que poderia ser utilizada para a realização de novos estudos. “Como promover a sustentabilidade se sequer as pessoas refletem sobre a complexidade e necessidade de ações sustentáveis, em um país cuja ostentação e consumismo é modismo?”

REFERENCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.

CARVALHO, A. C. S. **Importância da inserção de filmes e vídeos na prática docente no Ensino Fundamental I.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

CLEMENTS J. F. **Checklist of birds of the world.** cornell cornell university press 2005.

BARROS, Y. M. **PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA ARARINHA-AZUL: *Cyanopsitta spixii*** / Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2012.140 p.

FERNANDES, S. L. **Filmes na sala de aula- Realidade e ficção: uma análise do uso do cinema pelos professores de história.** Dissertação- Curso de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Curitiba, 2007. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/M07_fernandes.pdf Acessado em 16 de agosto de 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, A. P. R.; DAVI, T. N. **O RECURSO CINEMATOGRAFICO COMO FERRAMENTA EM SALA DE AULA** disponível em : [<www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/>](http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/) acesso em 25 de abril de 2020.

TEIXEIRA, P.M.M.; MEGID-NETO, J. **Uma proposta de tipologia para pesquisas de Natureza Interventiva.** Ciências em Educação. V.23, 2017, p. 1055-1096.

Disponível em: <

file:///C:/Users/andre/Desktop/ens%20cien%20ecol/pesquisa%20interventiva,%20paulo%20marcelo%20marini.pdf> acesso em 12 de março de 2020.